

Índice

1. Uma Bela Espécie de Liberdade	13
2. A Utilidade da Crença	31
3. O Domínio Impossível	47
4. Amor e Uma Certa Dissonância	63
5. Uma Espécie de Desaparecimento	83
6. Dúvida e Espanto	91
7. Uma Intimidade Radical	125
8. Um Sentido de Desafio Partilhado	145
9. A Ideia Formidável	157
10. Uma Série de Carnificinas Comuns	179
11. Um Mundo Belo e Desesperado	211
12. A Anita Trouxe-Nos até aqui	221
13. As Coisas Revelam-Se	227
14. O Deus na Nuvem	249
15. Absolvição	265
Epílogo	281
Posfácio	299
Agradecimentos	303
Índice Remissivo	305

Uma Bela Espécie de Liberdade

SEÁN O'HAGAN: *Surpreende-me teres concordado em fazer isto, dado que há muito que não dás entrevistas.*

NICK CAVE: Bem, quem é que quer dar uma entrevista? De um modo geral, as entrevistas não prestam para nada. A sério. Deixam-te completamente esgotado. Detesto-as. Toda a premissa por trás delas é tão aviltante: tens um novo álbum que acabou de sair, ou um novo filme para promover, ou um livro para vender. Passado algum tempo, a tua própria história acaba simplesmente por te desgastar. Acho que, a dada altura, acabei simplesmente por perceber que dar esse género de entrevista não me trazia nenhum proveito real. Acabava apenas por me tirar alguma coisa. Tinha sempre de me restabelecer um pouco a seguir. Era como se tivesse de ir novamente à procura de mim mesmo. Por isso, acabei simplesmente por deixar de dar entrevistas há uns cinco anos, ou por volta disso.

Sendo assim, como é que encaras este projeto?

Não sei. Gosto de ter uma conversa, isso sim. Gosto de falar, de interagir com pessoas. E nós sempre tivemos as nossas conversas longas e sem um rumo definido, por isso, quando me sugeriste esta, fiquei de certo modo intrigado para ver onde é que ia dar. Vamos ver, não é?

Quando falei contigo em março passado (2020), a tua digressão mundial tinha acabado de ser cancelada por causa da pandemia. Na altura, soaste especialmente filosófico a respeito do assunto, devo dizer.

Foram tempos estranhos, isso é garantido. Quando a Covid nos atingiu e o meu agente, Brian, me disse que já não partiríamos em digressão, senti uma espécie de esvaziamento interior, como se o mundo inteiro tivesse caído sob os meus pés. Todos nós tínhamos pensado muito e investido grandes esforços no sentido de perceber como é que iríamos apresentar o *Ghosteen* ao vivo — tínhamos estado a ensaiar com um coro de dez vozes e havíamos criado toda uma estrutura visual para o espetáculo que nos parecia ser absolutamente única e muitíssimo entusiasmante. Muito trabalho, energia mental e despesa. Por isso, quando soube que era mais do que certo que a digressão não ia acontecer, fiquei ao início horrorizado. Atingiu-me mesmo no âmago da minha pessoa porque eu era esta coisa que fazia digressões. Era isso que eu era.

Agora, e digo isto com grande cautela porque sei o quão dececionados os fãs ficaram, mas, para ser honesto, essa sensação de colapso existencial, bom, isso durou uma meia hora ou por volta disso. Depois, lembro-me de estar espedado no escritório do meu agente e a pensar, não sem um certo sentimento de culpa, “Foda-se! Não vou em digressão. E se calhar por um ano inteiro.” De repente, houve uma extraordinária sensação de alívio, uma espécie de onda a atravessar-me por inteiro, uma espécie de euforia, mas também algo mais do que isso — uma energia louca.

Uma sensação de potencial, talvez?

Sim, mas de verdadeiro potencial. Um potencial enquanto incapacidade, ironicamente. Não o potencial para fazer alguma coisa, mas o potencial para não fazer alguma coisa. Ocorreu-me subitamente que poderia apenas ficar em casa com a Susie, a minha mulher, e só isso já era espantoso por si mesmo, uma vez que sempre tínhamos medido a nossa relação em termos das minhas partidas e dos meus regressos. De repente, podia estar com os meus filhos, ou simplesmente ficar sentado numa cadeira na minha varanda a ler livros. Era

como se me tivesse sido concedida a permissão para *ser*, simplesmente, e não fazer.

E, à medida que a situação continuava, havia a sensação de que o tempo estava fora dos gonzos, dias que iam embater uns nos outros como que sem rumo. Sentiste isso?

Sim, o tempo parecia alterado. Quase parece errado dizer isto, mas, a um certo nível, adorei realmente a estranha liberdade que a situação me proporcionou. Adorava acordar de manhã e ter mais um dia para mim em que podia simplesmente existir e não ter de fazer nada. O telefone deixou de tocar constantemente e, num curtíssimo espaço de tempo, os meus dias tornaram-se repetitivamente belos. Era estranhamente parecido com ser outra vez um drogado, o ritual, a rotina, o hábito.

Atenção, estou a dizer tudo isto, pese embora a digressão anterior, quando tocámos ao vivo o álbum *Skeleton Tree*, ter sido um dos períodos definidores da minha vida profissional, só o facto de estar naquele palco todas as noites com aquela energia feroz a brotar do público. É difícil exagerar a extraordinária sensação de ligação. Foi um período transformador na minha vida. Não, salvou a minha vida, na verdade! Mas foi também profundamente extenuante, tanto a nível físico como mental. Por isso, quando a digressão mais recente foi cancelada, a deceção inicial foi substituída por uma sensação de alívio e, sim, por um estranho e imprevisível potencial. Sinto-me culpado só por dizer isto, até porque sei o quão devastadora foi a pandemia para tantas pessoas.

Considerando as conversas que tivemos na altura, tornou-se desde cedo claro que sentiste que o confinamento iria ser um tempo para refletir.

Senti isso de forma instintiva. Lembro-me de achar que realmente não parecia certo tentar fazer uma atuação *online* a partir da minha cozinha, ou da minha banheira, ou de pijama, ou o que quer que fosse que alguns artistas andavam a fazer na altura, todas essas demonstrações ingénuas e conspícuas de simpatia para com o próximo. Na altura, senti que era um momento para ficar sentado dentro da história a pensar, apenas isso. Sentia-me castigado pelo mundo. Para mim, foi

um estranho e pensativo período ao longo desse verão de Covid. Nunca mais o esquecerei, estar sentado na minha varanda, a ler muito, a escrever montes de coisas novas, a responder a perguntas no The Red Hand Files. Foram tempos interessantes, apesar do constante barulho de fundo cheio de ansiedade e de pavor.

Lembro-me de estarmos a falar ao telefone logo no início da pandemia e de tu dizeres, “Desta vez é que é.”

Sim, acho que tinha lido uma coisa há pouco tempo que fez com que realmente me apercebesse do absoluto e imenso poder do vírus, e do quão extraordinariamente vulneráveis todos nós estávamos, e do quão absolutamente impreparados estávamos como sociedade. Tu e eu estávamos os dois bastante assustados com esta coisa invisível que se encontrava à nossa porta. Toda a gente estava assustada. De facto, parecia que o fim dos tempos tinha chegado, e que o mundo tinha sido apanhado a dormir. Era como se, independentemente daquilo que supúnhamos ser a história das nossas vidas, esta mão invisível tivesse mergulhado nela para depois lhe fazer um gigantesco buraco.

Isso leva-me a pensar na ideia de disrupção na narrativa que te ouvi a mencionar em relação ao teu processo de escrita de canções: a forma como tanto o assunto como o sentido das tuas canções mais recentes se tornaram menos diretos e mais elusivos.

Pois, precisamente. As minhas canções tornaram-se definitivamente mais abstratas, à falta de melhor palavra, e, sim, menos dominadas por uma narrativa tradicional. A dada altura, comecei a cansar-me das canções na terceira pessoa que contavam uma história estruturada que começava no princípio e depois se encaminhavam obedientemente rumo à sua conclusão. Comecei simplesmente a desconfiar da forma propriamente dita. Parecia-me injusto estar a impor essas histórias às pessoas a toda a hora. Parecia-me uma espécie de tirania. Era quase como se me estivesse a esconder por trás dessas narrativas muito arrumadas e cuidadas porque tinha medo das coisas que continuavam a ferver dentro de mim. Queria escrever canções que de algum modo fossem mais verdadeiras, que fossem autênticas em face da minha experiência.

Mais especificamente em face da tua experiência mais recente?

Sim. Que tinha sido uma experiência de rutura, diria, à semelhança da maior parte das pessoas. Mas, de um ponto de vista puramente pessoal, viver a minha vida dentro dos limites de uma narrativa muito arrumada já não fazia muito sentido. O Arthur morreu e tudo mudou. Esse sentido de disrupção, de uma vida interrompida, infiltrou-se em tudo.

Em termos daquilo que tu e eu estamos aqui a fazer, é-me difícil voltar aí, mas é também importante falar no assunto a dada altura, já que a perda do meu filho me define.

Percebo perfeitamente. Portanto, contar uma história linear numa canção, por muito dramática que seja, tornou-se, no geral, menos importante para ti?

Sim, mas não me afastei das canções com uma componente profundamente visual; é mais o facto de os enredos serem mais retorcidos, emaranhados, truncados — a forma propriamente dita tornou-se mais traumática. A minha música começou a refletir a vida conforme eu a via.

Dito isto, as canções dos meus últimos dois álbuns continuam a ser canções narrativas, embora as narrativas tenham sido introduzidas na picadora. O *Ghosteen*, por exemplo, não deixa de contar uma história. Na verdade, a história que está a contar é uma vasta narrativa épica acerca da perda e de um profundo anseio, embora esteja toda dilacerada e rebentada por dentro.

Não há dúvida de que se trata de um género de narrativa muito diferente, muito mais ambicioso, até mesmo conceptual.

Sim. Radicalmente diferente. Não há nada de linear nessas canções. Elas mudam de direção, ou entram em rutura, ou, pior ainda, pulverizam-se diante dos teus olhos. A verdade é que essas canções existem nos seus próprios termos bizarros.

Tenho a impressão de que alguns dos fãs não ficaram, de um modo geral, satisfeitos com o rumo que a tua música tomou.

Sim, seguramente que há uma série de fãs mais antigos que estão descontentes e gostavam que eu voltasse a escrever as chamadas canções